

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

“MARIA FAZ FAVOR”: DONA REGINA, UMA NARRATIVA DE AMOR COM AROMA DE BOLO DE ARROZ

“Maria faz favor”: Mrs. Regina, a narrative of love with the scent of rice cake

“Maria faz favor”: Señora Regina, una narrativa de amor con aroma a pastel de arroz

Maria Aparecida da Silva

Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Professora substituta do Departamento de História da UNEMAT Campus Cáceres/MT.

E-mail: tida.h@unemat.br

Edson Silva de Lima

Doutor em história pela UNIRIO. Professor substituto do Departamento de História da UNEMAT Campus Cáceres/MT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7903-434X>

E-mail: edson_hist@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

SILVA, Maria Aparecida da; LIMA, Edson Silva de. “Maria faz favor”: dona regina, uma narrativa de amor com aroma de bolo de arroz. In **Revista de Comunicação Científica – RCC**, jan./abr., vol. I, n. 14, p. 18-28, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 14 (2024)

ISSN 2525-670X

“MARIA FAZ FAVOR”: DONA REGINA, UMA NARRATIVA DE AMOR COM AROMA DE BOLO DE ARROZ

“Maria faz favor”: Mrs. Regina, a narrative of love with the scent of rice cake

“Maria faz favor”: Señora Regina, una narrativa de amor con aroma a pastel de arroz

Resumo

Esta pesquisa tem como finalidade estudar o patrimônio cultural de Cáceres a partir da seleção de personagens “ilustres” que, de alguma maneira, representam e reproduzem artefatos culturais característicos dessa localidade. Neste sentido, nosso objetivo é colaborar para a visibilidade do trabalho da quituteira Regina Maria da Cruz e o tradicional bolo de arroz, nos interessa possibilitar a experiência de leitura do cruzamento de duas histórias, narrativas que se encontram como muitas outras a partir das intempéries da vida. Nos amparamos metodologicamente na história oral. Como resultado temos a transcrição e a gravação da entrevista com a boleira, que pode compor o arquivo público da cidade para acesso e divulgação da cultura local.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. História Oral. Divulgação Cultural.

Abstract

This research aims to study the cultural heritage of Cáceres based on the selection of “illustrious” characters who, in some way, represent and reproduce cultural artifacts characteristic of this location. In this sense, our objective is to contribute to the visibility of the work of the delicacy maker Regina Maria da Cruz and the traditional rice cake, we are interested in enabling the experience of reading the intersection of two stories, narratives that meet like many others from the inclement weather of life. We rely methodologically on oral history. As a result, we have the transcription and recording of the interview with the ball girl, which can form part of the city's public archive for access and dissemination of local culture.

Keywords: Cultural Heritage. Oral History. Cultural Propagation.

Resumen

Esta investigación pretende estudiar el patrimonio cultural de Cáceres a partir de la selección de personajes “ilustres” que, de alguna manera, representan y reproducen artefactos culturales característicos de esta localidad. En este sentido, nuestro objetivo es contribuir a la visibilización del trabajo de la manjarera Regina Maria da Cruz y de la tradicional torta de arroz, nos interesa posibilitar la experiencia de leer el cruce de dos historias, narrativas que se encuentran como muchas otras. de las inclemencias del tiempo de la vida. Nos basamos metodológicamente en la historia oral. Como resultado tenemos la transcripción y grabación de la entrevista a la recogepelotas, que puede formar parte del archivo público de la ciudad para el acceso y difusión de la cultura local.

Palabras clave: Patrimonio cultural. Historia oral. Divulgación cultural.

Maria Aparecida da Silva e Edson Silva de Lima



Introdução

Todas as manhãs de Cáceres são sonoras. Não nos referimos as aves barulhentas grasnando, cantando, crocitando ou seja lá as onomatopéias que surgem em seus ouvidos ao ouvi-los. São sonoras pela convocação alarmante de: “OH O BOLO DE ARROOOZ!!!”. Sim, é esse o som que percorre as ruas de Cáceres em uma bicicleta, simples, singela e cheia de amor. É um dos muitos vendedores de bolo de arroz colaboradores da Dona Regina.

Esse som é carregado de sorriso e de esperança, mas também, nos deixa ansiosos em saborear logo pela manhã esse quitute tão particular de nosso estado.

O tradicional bolo de arroz cuiabano já tem seu lugar garantido na história do estado de Mato Grosso, possui uma lei que o declarou prato típico do Estado (Lei nº 10.514/2017). Alguns o chamam de iguaria, no sentido de ser apetitoso e saboroso. Para Dona Regina, em Cáceres, ele é sinônimo de amizade, de respeito, de esperança e sustento. Para além de um alimento, de um acompanhamento para um chá, um café ou um achocolatado (mais ao gosto dos guris), ele está impregnado de histórias, de emoções, de lágrimas e, sim, de muitas recordações.

Uma dessas histórias é a da quituteira Regina Maria da Cruz. Uma senhora de tamanho coração que nos recebeu em sua residência, que também é seu ateliê, e impressiona pelos enormes fornos a lenha. Com um acolhimento desinteressado e muito maternal nos contou um pouco da sua trajetória.

É evidente, que ao narrar-se os sujeitos fazem seleções e elas são carregadas de uma certa projeção de si, de uma linha tênue entre aquilo que é acontecimento e aquilo que é reinvenção do vivido; o que Michel Foucault (2004) chamou de tecnologias de si.

Jorge Larrosa, tem uma conceitualização a partir dos instrumentos foucaultianos muito interessante para mobilizarmos aqui, em que mostra que a experiência de si é essa possibilidade da pessoa conseguir regular e modificar a sua própria experiência. Segundo ele, possível apenas pelas técnicas de desconstrução e reconstrução que envolvem o narrar-se e o transformar-se. É patente, portanto, que essa autopercepção interfira na maneira dos sujeitos se darem a serem vistos, movimentando, assim, uma tecelagem entre a percepção histórica, os

entrelaçamentos do saber-poder e, também, dos processos de subjetivação (Larrosa, 2011).

Temos em nosso horizonte os percalços metodológicos dessas escolhas, inclusive nossas. Ao empregarmos a história oral, estamos cientes de que o espectro da história oral ainda assombra os muros da academia (Portelli, 1997, 1979). E não é simples manejar seu arcabouço, pelo contrário, vamos tateando e engatinhando. Se por um lado queremos fazer parte de todo processo constitutivo da pesquisa, por outro, nos políciamos em sempre lembrar nosso lugar de cientistas. A história oral nos faz ser um interlocutor em paixão, isto é, alguém que no lugar de fazer uma entrevista interessada e controlada, somos levados pelas pessoas entrevistadas, por suas histórias e historietas, por suas anedotas, seu senso de humor e suas peculiaridades românticas, políticas e religiosas.

Nas palavras de Alessandro Portelli: “parece se temer que uma vez abertos os portões da oralidade, a escrita (e a racionalidade junto com ela) será varrida como que por uma massa espontânea incontável de fluído, material amorfo” (Portelli, 1997, p.26). Pelo contrário, conduzir a entrevista a partir da espontaneidade do entrevistado é manter em movimento o fluxo da vida que descontínuamente se manifesta em seus discursos. Em outras palavras, escrita e oralidade não são excludentes, mas ancoradas na dinâmica da linguagem e da comunicação, sem o qual, não é possível conhecer ou deixar-se conhecer.

Dona Regina não é marinheira de primeira viagem. Quando se trata de entrevistas, ela já concedeu algumas, das quais fizemos cotejamento, para enriquecimento de nossa fonte oral e transcrição da mesma. Neste artigo não vamos carregar a mão em referencial puramente acadêmico, queremos trazer a voz, a personalidade, a experiência de Dona Regina, por tanto, a transcrição será, na medida do possível, quando não fragilizar a compreensão, privilegiar sua voz, sua narrativa, seu modo de dizer e como dizer e, sobretudo, a maneira como gostaria de ser vista: “maria faz favor”, uma brincadeira de seu filho sobre o espírito solidário e caridoso de Dona Regina.

Não entraremos em questões da filosofia das religiões, apenas, situamos que no debate quanto à semântica da palavra caridade, temos pelo menos dois sentidos em disputa:

O cristão, sinônimo de bondade e estima, e um sentido secular, relativo a empatia e simpatia. Por que é importante acentuar essa distinção? Primeiro por se tratar de um conceito bastante escorregadio; segundo por delimitar que não há em absoluto uma separação no *pathos* alusivo à palavra. Essas considerações são fundamentais pois Dona Regina se projeta nesse lugar da caridade como missão de vida, como uma maneira de atender a comunidade em que vive, mas também como uma guisa de seu ministério cristão vivo e ativo. Passemos as palavras de Dona Regina.

Dona Regina pode falar pra gente como que a senhora aprendeu a fazer o bolo de arroz?

Minha avó que começou em 1947. Minha avó era descendente, filha de paraguaí, o pai dela era “paraguaí” legítimo e a mãe era daqui mesmo, né. Em 1947, ela veio lá do Cabaçal, ela morava no cabaçal. Tinha lá um sitiozinho, um lugar, um reduto lá, né. que morava. Tinham umas cinco ou seis vaquinhas, venderam e mudaram para cá. Chegando aqui, certamente ficou na casa da mãe dela que morava aqui e fez um ranchinho pau a pique. ai o pai dela já era de idade, morreu. ela ficou com as crianças. tinha uns 12 ou 14 anos. (Dona Regina).

E qual era o nome do seu pai?

Chamava Napoleão Borges. Acho que ela deve conhecer o Napoleão Bonaparte. Eu falava para ela: - mas que nome que a senhora (risos). Ai meu pai ia lá no matadouro, ajudava. Trazia alguma coisinha de carne para casa. E ela começou a fazer o bolinho de arroz. Aí em frente a casa tinha uma república de soldados. Ali tinha o sargento Aristides, era muito amigo da minha avó. Cheguei de conhecer ele velhinho, já era capitão. Aí ele ajudava, assim, com lenha, juntava lenha para ela. Ai recortar aquelas roupas dos soldados que aquele tempo o material das roupas não era como agora. era aqueles panos grossos. verde. ela que recortava. e os soldados pagava. E o sr. Inácio, também conheci, era pescador, vendia o bolinho dela no quartel, ali. Não tinha vasilhas de plástico. Essas vasilhas térmica, ela mandou fazer. Usava tabuleiro de madeira, faz e cê põe e cobre com pano, põe no ombro ou na cabeça e saía, assim que era. Aí vendiam o bolinho pra ela. (Dona Regina).

Esse início da conversa é fundamental, pois delimita os genitores de Dona Regina, mas percebe o leitor, ela não demorou em trazer o bolo de arroz para sua narrativa, que já está presente em sua memória.

Eles vieram para Cáceres com alguma dificuldade, e mesmo assim, não houve um comentário sobre elas. Dona Regina parecia determinada de alguma forma a

entrelaçar o bolo de arroz à sua vida desde a infância. O propósito parece claro, pois, o bolo de arroz se tornou protagonista de sua vida, se tornou o sustento da família. Uma família bastante matrilinear.

Assim, perguntamos se a avó também fazia os bolinhos, já na lenha, como a senhora faz? Eis a forma como ela nos relata,

la lá no mato pegar [a lenha] né. Quando tinha lenha que jogavam para ela tudo bem. mas e a hora que acabava. Não era de ser monte. Pegava o facãozinho. Atrás da rodilha. Rodilha é um pano que cê pega põe na cabeça. Para por bacia. Feixe de lenha. Eu cheguei a carregar. aí cê põe e vem usando ele solto. arruma bem e ele para na cabeça (risos). Ai minha avó ia com facãozinho caçar lenha e trazer para arrumar no forninho. (Dona Regina).

Também perguntamos se a mãe da Dona Regina também fazia os bolinhos de arroz e quantos anos tinha nessa época?

Num era nascida. Meu pai era guri. Eu nasci em 1957. Dai 10 anos que eu nasci. Minha mãe aprendeu. E aí minha avó perguntou: - Como se chama essa criança. Dorotéia. Dorotéia que nome feio. Vamo trocar esse nome e boto Regina. Cê sabe que Regina, em latim, o que que é né. Regina, é rainha. Regina. Caçamos no computador, vamos ver o que significa. (Dona Regina).

Percebe-se em sua narração a forte presença da avó, por isso pedimos para que falasse mais sobre sua relação com a avó?

Minha avó foi vó, madrinha, foi pai e mãe. Foi tudo meu, minha avó. Então tratava muito, via ele via muito. E minha avó, comadre Maria. O meu irmão tratava minha avó de comadre. Ah! Eu quero ir para casa de comadre. E não queria mais acompanhar minha mãe com marido dela lá para fazenda. Sempre trabalhando. Aí peguei com 4 anos. Criava. Ai, minha mãe morre e deixou um de uma ano e oito meses. E peguei também para criar. Essa foi minha vida. minha vida foi trabalhar, a minha vida foi sempre trabalhando, que tinha os irmão pra sustentar. Mas criou. Agora tenho netas. Falei esses dia. Poxa! eu acho que eu era pai de vocês, porque todas crianças que iam para o hospital. Eu que levava (risos). (Dona Regina).

Curiosamente, Dona Regina conta a história de seus pais com foco na sua avó, a matriarca da família. É dela que vem uma linhagem de mulheres fortes, impávidas, destemidas, que cuidam dos filhos e dos filhos dos filhos, que manifesta sua força nas atitudes, na rigidez e doçura do cuidado. E não se trata de um trocadilho por falarmos aqui de um doce, o bolo de arroz. Essa avó, que também é definida como pai, mãe,

madrinha; foi uma força da natureza que ensinava ganhar a vida, ensinava a amar a vida, a respeitar o que dela viesse. Uma mulher resiliente.

Para Nina Taboada, nas ciências humanas esse conceito se delimitou em mostrar “a capacidade que alguns indivíduos apresentam de superar as adversidades da vida” (Taboada et ali, 2006, p.105). Mas não somente superar, de recuperar-se, de tornar-se intensamente adaptado às contingências. Não quer dizer que se tornaram invencíveis, mas que há fatores inatos e adquiridos que podem fazer esses indivíduos capazes de encontrar na vida (ainda que sofrida) ativadores sociais, morais e políticos que amenizam de alguma maneira a intensa situação de vulnerabilidade em que vivem, no caso, da avó e da própria Dona Regina, a venda de bolo de arroz. Aparentemente, um bolo, simples bolo regional, mas ao que parece ele permitiu criar uma intensa rede de sociabilidade e solidariedade que reforça essa composição estática de sujeitos forjados na potência de serem resilientes.

Perguntamos quando a Dona Regina começou a aprender o ofício?

Ah! 12 anos eu já ajudava. Fazia cupagem. Vinha aqui arrancava mandioca. Nós tinha um mandiocal ali. Arrancava, ralava. Nossa vida era assim. Boa. Sem contar o paraguaizão, que de vez em quando apanhava por causa do rio. Ai minha avó chegava lá e às vezes enchia um tambor de água. Minha avó morreu lúcida. Ela estudou no colégio das irmãs 9 anos. Ela tinha noções do francês. Ela era uma pessoa assim, ce conversava com ela, pessoa assim bem. Não digo poliglota. Eu já não tive essa sorte, com 12 anos eu já comecei a trabalhar. Não, não casei. não quis casar não. Tive um filho. Não deu certo. Separamos ele pra lá e eu pra cá. Criei meu filho. Fui pai e mãe dele. Aí juntei com outro. tive outro. Aí falei com ele; de 10 em 10 anos eu tinha um filho. Dai falei vai passar mais 10 anos para ter outro, acho que já vo ter quarenta e pouco, aí falei não, vou operar. Operei. E ficou dois por isso.

Também perguntamos se os filhos trabalham com a Dona Regina?

Um trabalha e o outro não. O outro fala que não tem vontade de aprender a fazer bolo. O outro já tem dias né. Dias de semana, mas também cansa né. É só eu. Eu falo assim. engraçado, eu não canso né. O irmão que criei de 1 ano e oito meses, ele trabalha dia sim e dia não. Vem de moto taxi de madrugada 4h e fica aqui até 18h30. Porque ele trabalha no museu. Ai fica comigo. Ai me ajuda e, aí vai embora. Dia sim e dia não. dia sim e dia não. Aí tem ele, vem meu guri aí né. Vamos ver se essa semana ele chega. Ai com meu marido, 5 comigo. (Dona Regina).

A tradição do bolo de arroz não foi passada de mãe para filha, mas de avó para neta. Isso, também, é curioso. Embora na história de vida da Dona Regina as mulheres tenham protagonismo, os homens aparecem como coadjuvantes que não

dizem muito, ou dizem pouco, não representam para ela o lugar que classicamente é atribuído à figura masculina: a segurança, a virilidade, a força e a liderança.

Sem quisermos entrar na história das mulheres, que seria um desvio muito extenso, gostaríamos de falar rapidamente do papel social da mulher na família. Segundo Juliane Callegaro Borsa embora a sociedade ainda veja a mulher como pertencente ao mundo privado, em uma lógica conservadora e de subserviência, ela é “um elemento agregador imprescindível, sem o qual a unidade familiar não sobrevive” (Callegaro et ali, 2008, p.3).

Se “o trabalho é um ato social por excelência” (Callegaro et ali, 2008, p.7) entendemos que o papel social da mulher na sociedade contemporânea sofreu a intensificação desse impacto do mundo do trabalho. Em outras palavras, a autonomia feminina conquistada a duras lutas e mobilizações coletivas, dá seu fruto e seu ônus. Seu fruto é o estabelecimento de serem elas mesmas protagonistas e provedoras de suas vidas, o ônus é estarmos imersos em uma sociedade patriarcal em que “a dominação masculina está suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em se dizer nas práticas e discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência, concorrendo assim para fazê-lo ser de acordo com o dizer” (Bourdieu, 1995, p. 137).

Simplificando, a dominação masculina se apresenta em uma naturalização das práticas de dominação que determinam em particular quais performances de gênero serão aceitas e, sobretudo, a ratificação do binarismo que transpassa diversas dimensões do social, do cultural e do político.

Essa breve digressão para dizer: a história de vida de Dona Regina é o tear de Penélope no desafio de fazer desfazer. Lembramos a história dessa mulher que enfrentando tantos pretendentes disse: assim que findada a tapeçaria escolherei um de vocês. Um jogo de linhas desenhadas e puxadas na esperança da chegada de seu amado Ulisses. A representação de uma mulher forte, destemida, audaciosa e inteligente que tem o poder de dizer o que e quando vai definir seu destino.

Perguntamos por que ela é muito procurada por políticos em época de eleição? Insistimos em saber por que os políticos a procuram sobretudo em período de eleição?

São. ih!. Tem tantas promessas. Chegou um tempo que: ah não quero mais. Não, não quero. Ah tomar banho! To com um projeto, plano, espero que dê certo. Ali vou fazer uma área ali. Puxa pra lá. eu vou por telhas e deixar. Para

época de chuva. 1979, que eu vim para cá, 44 anos. Num sei. Aparecem, que eu falo: - gente eu não sou nada. (Dona Regina).

Insistimos em saber se essa procura é por conta do bolo do arroz ou se tem haver com a importância do trabalho social que também realiza?

Eu falo aqui é igual casa de mãe Joana. Eu falei assim para ele: nós estávamos conversando, é assim que é né!. Aqui até amizade com gato, porco, cachorro e lagartixa (risos) como disse o ditado. Falei para vocês que tenho uma irmã que é enfermeira e ela é assim meio. Ela fala assim: - você gosta de gente porcaria né. Você só gosta de gente que não presta. Mas e quem que presta, eu falei assim. Ela é enfermeira aqui pra Rondônia. Porque aqui tem de todo tipo. Eu fiz parte da pastoral da criança. Eu conheci muitas mulheres, mães solteiras, mães que é mãe porque teve um filho. A gente que ajudava e cuidava. Tinha época que a gente ia na casa, a pessoa teve a criança, a criança estava praticamente jogada e aí a gente tinha obrigação de cuidar das mulheres, sabe. Tudo isso eu fiz. Então é isso. Eu sou querida aqui. Eu posso passar. Essa turma aí, noiado, bêbado mas me conhece, Dona Regina! E eu dou atenção para todo mundo. E sou respeitada. Sou respeitada. Veio aqui um pessoal, fiquei olhando, meu Deus. Turma de facção. E era aqueles de facção, tratei bem sem saber o que que é (risos) como eu trato bem todo mundo né foi bem tratado. Eles estavam caçando um camarada. O cara falou pra mim, na minha casa. Quem você procura conheço mas não quero aqui. E ele disse: Dona Regina quero que a senhora saiba de uma coisa: nós te respeita muito. Eu disse obrigada. Nós te respeitamos, muito assim. Fiquei com o ego lá em cima (risos). (Dona Regina).

O trabalho social indireto da Dona Regina chama atenção pelo desprendimento, pelo devotar-se ao outro sem muito pedir em troca, a não ser respeito, seriedade e afeto. Curioso como ela deixa claro que não faz distinção de classe, raça, religião etc. Sua atuação social não é institucionalizada, mas carrega uma dimensão institucional que temos a impressão que ela mesma não reconhece. Ao oferecer emprego e acolhimento às mais diversas pessoas em situação de vulnerabilidade social ou recuperação do sistema prisional, ela desmantela toda uma estrutura social excludente que lança as pessoas à margem da sociedade, sem que oportunidades lhes sejam oferecidas.

A inclusão social está, nesse sentido, “mais diretamente ligada à noção de cidadania plena e associada à emancipação em que os indivíduos podem desfrutar da cidadania, na medida em que não são incluídos ou excluídos por possuir ou não bens, por terem ou não direitos” (Gabatx, 2015, p. 39).

Dessa maneira, Dona Regina com seu companheiro de vida, o bolo de arroz, têm sido os protagonistas audaciosos no cenário social e, certamente, cultural de Cáceres. Afirmamos isso, não apenas para endossar o lugar específico do bolo de

arroz na cultura matogrossense, mas apontar a vida em movimento produzida através e pelo bolo de arroz. Ao que parece, não se limita a ser um quitute gostoso, é, ele também, um instrumento de transformação social nas mãos da intrépida Dona Regina; seja em sua frente religiosa, seja na sua dimensão sociopolítica, estes parceiros não se limitam a oferecer saciedade, vão além, querem proporcionar dignidade social, com ou sem ajuda política.

Considerações finais

Marieta de Moraes Ferreira nos explica algo muito importante para delimitarmos o que procuramos dar conta neste artigo.

Nas palavras dela: “as constantes críticas dos historiadores tradicionais à história oral estimulam aqueles que a praticam a promover uma permanente reflexão e avaliação de seus procedimentos de pesquisa” (Ferreira, 2002, p.327).

Esse asserto da ilustre historiadora, parece, carregar uma volição que nos permite afirmar esse lugar que, às vezes frágil, às vezes intenso e quase sempre curioso, da história oral, nos levam a fazer do exercício da pesquisa, mais que um desfolhar de páginas; vai além do cotejamento de fontes e, nos parece, mais pujante que tentar reconstituir um passado fragmentado nas letras. É evidente que nesse percurso teórico metodológico, nos deparamos com o desafio da relação memória x história. Mas não nos amedrontamos frente a ele, nos tornamos desbravadores.

Enfrentamos com muita prudência seus desmandos, isto é, da memória voluntária. Esta que se delimita as questões impostas pela história profissional. Privilegiamos, assim, a memória involuntária, aquela que se deixa levar pelas correntes do rio sem que tenha uma preocupação severa em aportar. É desse lugar de diálogo e, não de conflito, que escolhemos ouvir, sentir, navegar nas correntezas da memória de Dona Regina e seu fiel escudeiro, o patrício, bolo de arroz. O cruzamento da história desses dois personagens nos mostrou que o afeto, a preocupação social, sua dimensão política não se limitam a narrativas oficiais; seu lugar por excelência ainda está nas relações humanas e em suas afetividades.

Referências

ALBERTI, V. **Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras**. História Oral, [S. l.], v. 8, n. 1, 2021. DOI: 10.51880/ho.v8i1.113. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/113>. Acesso em: 27 jun. 2023.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Especial 300 anos - Cuiabá de A à Z**. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena. Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CALLEGARO, Juliane; FEIL, Cristiane Friedrich. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. O portal dos Psicólogos, v. 185, p. 1-12, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 3, p. 314-332, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologias de si, 1982**. verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 6, 2004.

GABATZ, Celso. **Reflexões sobre exclusão e vulnerabilidade social no Brasil contemporâneo**. Sociedade em Debate, v. 21, n. 1, p. 33-49, 2015.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. Revista reflexão e ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

NUSSBAUM, Martha. **Paisajes del pensamiento: la inteligencia de las emociones**. Tradução de Araceli Maira. Barcelona: Paidós, 2012. p.38.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista de estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro et al. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História, v. 14, 1997.

TABOADA, Nina G.; LEGAL, Eduardo J.; MACHADO, Nivaldo. **Resiliência: em busca de um conceito**. Journal of Human Growth and Development, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006.

Recebido: 04/09/2023

Aprovado: 29/11/2023

Publicado: 01/01/2024